

O CONCEITO DE PAYS E SUA DISCUSSÃO NA GEOGRAFIA FRANCESA DO XIX

João Paulo Jeannine Andrade Carneiro ¹

Resumo

O vocábulo *pays* vem sendo empregado na Europa há pelo menos 1500 anos, significando tanto um indivíduo relacionado com seu lugar de origem como uma porção do território numa circunscrição determinada. No século XVII o vocábulo em foco caracterizava subdivisões das *villes* francesas, ao mesmo tempo em que designava também, num sentido familiar, pessoas nascidas em um mesmo *pays*, em contexto rural. No XVIII, o vocábulo passa a integrar a terminologia científica do período. Assim, o termo passa a designar extensões territoriais antigas, formadas por elementos pedológicos distinguíveis, como *pays à craie*. Passada a revolução francesa, d'Omalius recomenda aos geógrafos que determinem as regiões naturais, fundadas sobre a natureza do solo, e que lhes devia atribuir os nomes antigos de *pays* correspondentes. Este mesmo sentido do termo será empregado por La Blache no final do XIX. Destarte, partindo da hipótese de Sapir (1911) no qual o léxico da língua é que mais nitidamente reflete o ambiente geográfico (Demangeon, 1942), perscrutaremos neste artigo o conceito de *pays* e sua discussão na formação da geografia francesa.

Palavras-chave: *pays*; geografia francesa e século XIX

¹ Doutorando em Geografia Humana (USP), joaojeannine@gmail.com

Introdução

Pour la géographie du dernier quart du XIXe siècle, le pays revêt même le statut d'un paradigme. La reconnaissance d'unités homogènes du point de vue de leurs caractéristiques physiques et humaines contribue non seulement à orienter l'analyse géographique pour plusieurs décennies, mais elle participe à la délimitation épistémologique de la discipline géographique parmi les autres sciences. En effet, la nature du pays étant fondée sur ses composantes, géologiques, minéralogiques, pédologiques, botaniques et climatiques, son étude ancre la géographie dans les sciences naturelles et lui permet d'affirmer son autonomie par rapport à l'histoire, dont elle est traditionnellement l'auxiliaire. (Marigner, 2004:2).

O vocábulo *pays* vem sendo empregado na Europa há pelo menos 1500 anos. Grégoire de Tours² é considerado um dos primeiros a registrá-lo, tanto com o sentido de “habitante de um *pāgus*” como de “território de um *pāgus*”. Tal fato demonstra a polissemia do vocábulo milenar. No decurso do tempo histórico *pays* foi adaptado à realidade geográfica francesa e já no século XVII caracterizava subdivisões das *villes* francesas, saindo das acepções exclusivamente rurais. No século seguinte, o vocábulo passa a integrar a terminologia científica do período, designando feições geológicas homogêneas. Exemplifica-se tal abordagem no *Atlas et Description minéralogiques de La France*, desenvolvido por ordem do rei Luís XVI, de Guetard et Monnet, em 1780. Assim, o termo passa a designar extensões territoriais antigas, formadas por elementos pedológicos distinguíveis, como *pays à craie*, *pays à coquilles*, etc (Gallois, 1908:8). No século XIX, d’Omalius d’Halloy estabelece para o Norte da França a determinação de regiões naturais, fundadas sobre a natureza do solo, e que lhes devia atribuir os nomes antigos de *pays* correspondentes. Recomendado, em escala global³, a todos os geógrafos (Gallois *op. cit.*:36). Este mesmo sentido do termo será empregado por Vidal

² Grégoire de Tours foi autor da *Histoire des Francs* concebida no ano de 572.

³ *Division de La terre em régions géographique, conformément aux Éléments de géologie*. Paris, 1839.

de La Blache em seu artigo: *Des divisions fondamentales du sol français* (1888). Destarte, partindo da hipótese de Sapir (1911:2) no qual o léxico da língua é que mais nitidamente reflete o ambiente físico e social dos falantes ou o meio geográfico, na acepção de Demangeon (1942), perscrutaremos neste artigo o conceito e o termo *pays* e sua discussão como uma das bases da formação da geografia francesa.

O conceito de *pays*

A forma mais antiga que encontramos do vocábulo francês *pays*, do qual derivou a palavra portuguesa e espanhola *país*, vem de um verbo latino: *pangere*⁴. Que significa “fixar”. Seu particípio passado, *pactum*, nos trás uma outra conotação, com o sentido hodierno de “pactuar”. Sugerindo que para determinada comunidade se fixar em algures era necessário fazer um acordo com outrem, um pacto. Desta mesma raiz, *pac*, surge a conseqüência desse bom acordo entre os homens sobre o território: *pacem*. Vertida para o português como “paz”. Quantas sugestões esses termos podem nos trazer sobre as relações sócio-espaciais do tempo da Roma antiga?

De *pactum*, no sentido duplo de “fixar” e “pactuar”, temos o vocábulo latino *pagum*⁵ (*pāgus*) designando pequena povoação, aldeia, fora dos limites das cidades, isto já no século VI. Grégoire de Tours é a grande referência, entre os filólogos, para este período, já que escreveu, em torno de 570, a *Histoire des Francs*. Nesta obra o autor utiliza a palavra *pays* (já na grafia moderna) em duas acepções: tanto como habitante de um *pāgus*⁶, como para território de um *pāgus*. Quer dizer, uma palavra que aglutinaria tanto o indivíduo relacionado com seu lugar de origem como uma porção do território numa circunscrição rural determinada.

Assim, *pays* tem sua origem no latim tardio *pagensem*, que por sua vez é derivação de *pagum*. De *pagum* temos ainda *paganum*, – convertido no português “pagão” – que significa sinonimicamente *paysan* (camponês). Como os pagãos eram os

⁴ De todos os dicionários etimológicos analisados, o único que nos trás esta versão é o de Léon Clédât (1900:481), os demais analisam o vocábulo de forma mais opaca.

⁵ Noel e Carpentier (1839 :577) infere uma origem grega para *pagus* : « parce qu'on a coutume de fixer les habitations sur les hauteurs ou près des eaux : car c'est ce que signifie le latin pagus, soit qu'on te tire du grec παγος (colline) ou πηγη (source, fontaine) »

⁶ Este vocábulo é ainda utilizado em francês, com a seguinte grafia: “pagus” e para o plural “pagi”, carregando, portanto, a desinência morfológica de plural latino

habitantes dos *pays* (*pagum*) nos primeiros séculos da era cristã, tal fato demonstra que o culto aos deuses restringia-se, no início do cristianismo, ao meio rural, em face ao ambiente urbano⁷.

Como nos lembra Lévi Strauss (1996), a linguagem faz parte da cultura, constituiu um de seus elementos entre outros. Para ele, a cultura é um conjunto complexo que compreende as ferramentas, as instituições, as crenças, os costumes e também a língua. Esta última, com a vernaculização do francês e as modificações sócio-espaciais na França. O vocábulo eminentemente rural adentra às cidades. No século XVII, por exemplo, o *Dictionnaire de l'Académie Française* (1694) o registra com o seguinte emprego: *Pays latin* como sinônimo de *Quartier Latin* em Paris. Outro dicionário⁸ registra nesta mesma época o sentido familiar de “pessoa do mesmo *pays*”, do qual gerou o feminino *payse*.

O termo *pays* na geografia francesa

No século XVIII o conceito de *pays* foi incorporado à terminologia científica francesa a fim de designar divisões de terrenos com características geológicas distintas. Segundo Lucien Gallois (1908:8-9) desde 1746 o abade Guettard publicou o esboço de uma carta geológica do Norte da França e colocou em evidência a continuidade de zonas concêntricas da bacia francoinglesa. Mais tarde Guettard e Lavoisier se juntam para estudar os terrenos da França do Norte e cartografá-los. Um segundo colaborador, Monnet compra uma parte dessas cartas, desenvolve outras e as publica em 1780, com um texto descritivo⁹, no qual esclarece as divisões geológicas relacionadas aos nomes de *pays*.

Passada a revolução francesa, portanto em período napoleônico, d’Omalius

⁷ Léon Clédat (*op. cit.*: 483), José Pedro Machado (1967:1648).

⁸ Oscar Bloch (1989:470).

⁹ “La terre n’est point formée d’un mélange confus de matières, mais que ces matières y sont distinguées les unes des autres et y observent tel ordre, que pendant une certaine étendue de *pays*, on trouve que telle ou telle matière en forme le fond (...) De là naît naturellement la division des terrains que nous distinguons sous les noms, par exemple, de *pays* à craie, et de *pays* à coquilles, etc (...) (Guettard et Monnet, 1780 :VII *apud* Gallois, *op. cit.* :8)

d’Halloy, em 1808, estabelece, ainda para o Norte da França¹⁰, a determinação de regiões naturais, fundadas sobre a natureza do solo, e que lhes devia atribuir os nomes antigos dos *pays* referentes¹¹. Esse mesmo princípio ele busca aplicar, mais tarde, num projeto racional de divisão do globo¹² e que segundo Gallois (1908:36) d’Omalius d’Halloy não cessará, durante toda a sua vida, de recomendar aos geógrafos.

Temos, portanto, uma das marcas da geografia francesa ao enfatizar a ancestralidade do homem na terra, criada por meio de um longo processo de transformação da natureza. Como relata Roberto Lobato Corrêa (1987:12) “os elementos mais estáveis, solidamente implantados na paisagem, são ressaltados, não se privilegiando os mais recentes, resultantes de transformações que podem colocar em risco a estabilidade e o equilíbrio alcançado anteriormente. Daí a ênfase no estudo dos sítios predominantemente rurais”.

Para esta corrente do pensamento geográfico francês o nome antigo de *pays* exercia, além da atribuição de distinguir as localidades, a função de testemunhar historicamente¹³ fatos e ocorrências registrados nos mais diversos momentos da vida de uma população, acerca, num primeiro momento, de alguma característica física do lugar, influência dos estudos geológicos. Não por acaso, temos, também neste momento, a formação da Geografia Linguística por meio da produção dos Atlas Linguísticos franceses¹⁴.

Vimos, por conseguinte, alguns dos papéis a serem cumpridos pela geografia

¹⁰ Este interesse pelo Norte da França, à época, deve-se, principalmente, à instabilidade de suas fronteiras, seja com o Império Britânico, os Países Baixos e os principados germânicos.

¹¹ Paul Claval (1974 :19-20) afirma que as noções de região natural e de *pays* constituem uma das abordagens mais originais dos cientistas franceses, em âmbito geográfico, de fins do século XVIII e princípio do XIX

¹² *Division de la Terre em régions géographique, conformément aux Éléments de géologie*. Paris, 1839.

¹³ Jean Brunhes (*apud* Dick, 1980) considerou a toponímia como um fóssil da geografia humana.

¹⁴ Segundo POP (1950, p. XXXIX), o fundador do termo Geografia Linguística foi J. Guilliéron em sua obra *Patois de la commune de Vionnaz*, em 1880. J. Guilliéron foi responsável também pelo primeiro Atlas Linguístico da França. Concomitante a esses estudos, temos o aparecimento da Toponímia, como um corpo disciplinar sistematizado, especialmente na França, quando Auguste Longnon, em 1878, introduziu os seus estudos em caráter regular, na *École Pratique des Hautes-Études* e no Colégio de França. Do curso então ministrado, seus alunos publicaram, postumamente, a obra que se chamou *Les noms de lieu de la France*, considerada Clássica para o conhecimento da nomenclatura dos lugares habitados (Dick, 1980:12).

francesa¹⁵ frente ao expansionismo germânico, buscando elementos na historicidade da paisagem (originado do francês *paysage*, que por sua vez é derivado de *pays*) e dos topônimos para legitimar a ancestralidade de seu território. Haja vista que Prússia e França disputam a hegemonia política da porção continental da Europa, que acabou culminando na guerra francoprussiana, em 1870, na qual a Prússia sai vencedora. Com isso, a França perde os territórios da Alsácia e da Lorena, vitais para sua industrialização, em função da localização das principais reservas de carvão.¹⁶

Este impasse, pós 1871, entre as duas principais nações¹⁷ do continente europeu, irá fomentar a ambivalência dos estudos geográficos, caracterizado pelos pesquisadores da história do pensamento geográfico¹⁸, em duas escolas principais: a alemã, representada por Friederich Ratzel e a francesa por Paul Vidal de La Blache.¹⁹

Vidal de La Blache e Lucien Gallois são os dois principais teóricos da terminologia em foco, aplicada ao território francês, em fins do XIX e início do XX. Este último lançou importante obra: *Régions naturelles et noms de pays, étude sur la région parisienne*, em que analisa historicamente o uso dos conceitos expostos, região natural e *pays*, para depois aplicá-los à grande bacia parisiense. Para Gallois o termo *pays* vem da prática do camponês no trabalho com a terra, distinguindo-a, por exemplo, entre solos frágeis e férteis. Desta necessidade de diferenciação surge, não só regiões

¹⁵ Neste rumo, a geografia cumpre também função de elaborar ideologicamente a construção da nacionalidade francesa, conforme demonstra a assertiva de Marcelo Escolar (1996:51) em que a “Geografia contribui organicamente para a constituição da consciência nacional ensinando as bases territoriais da identidade entre solo e povo, e caracterizando a unidade da Nação em sua diversidade regional. Resumindo, o ‘amor à Pátria’ passou a ser objeto de construção educativa e de fundamentação teórica”.

¹⁶ Antonio Carlos Robert Moraes (1981:77).

¹⁷ Para Eric J. Hobsbawn (1990:32) que se debruçou sobre o conceito de nação e nacionalismo na Europa, principalmente durante o XIX, “a equação nação = Estado = povo e, especialmente, povo soberano, vinculou indubitavelmente a nação ao território, pois a estrutura e a definição dos Estados eram agora essencialmente territoriais”.

¹⁸ Claval (1974), Sodré (1977), Santos (1978), Moreira (1980), Moraes (1981), Capel (1981), Corrêa (1987) e Lencioni (1999).

¹⁹ Neste ponto é importante a ressalva apontada por Hartshorne (1959:29) e desenvolvida por Claval (1974:35) e Capel (1981:65) acerca das lacunas deixadas à epistemologia da geografia depois da morte de Alexander von Humboldt e Karl Ritter, tal fato estaria assentado no isolamento desses dois autores, não propiciando um ambiente geográfico *pos-festum*. Diferente de Ratzel e La Blache que deixaram diversos discípulos diretos, responsáveis pela difusão de suas teorias.

naturais extensas, como nascem os nomes de *pays*²⁰. E esses nomes deveriam ser usados para denominar as regiões naturais, objeto de estudo da **geografia humana**.

Poderíamos nos perguntar, mas onde entra o homem nessas regiões naturais, baseadas em características físicas da paisagem e influente na configuração de determinada sociedade? Apesar desta forte influência da geografia física na formulação inicial do termo região e *pays*, Lucien Gallois busca defender em seu texto que “entre as condições impostas pela natureza à atividade humana, como o relevo, o solo e o clima, existem outras necessárias como: posição, facilidade de comunicação, todo um conjunto de causas que, a cada época, para um estado de civilização determinado, podem garantir o sucesso de uma zona ou de um lugar particular²¹”.

Paul Vidal de La Blache (1909) endossa e defende o trabalho de seu discípulo, apresentando para Academia de Ciências Morais e Políticas a obra supracitada de Gallois²². “Mostrando todas as dificuldades de interpretação dos nomes dos *pays*, Vidal, com Gallois, opõe a significação local -ou mesmo estritamente camponesa -, que se deve conceder à noção de *pays*, ao valor do conceito científico adquirido pela região natural. O que é específico da região natural do geógrafo é combinar muitas áreas de extensão de fenômenos parciais, combinação que se manifesta por uma “fisionomia” particular da superfície terrestre. *Pays* e regiões apontam, portanto, para duas lógicas diferentes: a lógica popular e a lógica científica, mas eles tem em comum a designação das individualidades, grupos naturais nos quais entra um elemento humano²³.”

Em 1888, Vidal de La Blache já lançava luz sobre o termo *pays* em um artigo seminal: *Des divisions fondamentales du sol français*. Publicado, primeiramente no *Bulletin Littéraire* e depois, a partir de 1897, como *Introdução* a uma cartilha de geografia francesa destinado aos professores do ensino secundário. Neste trabalho, Vidal de La Blache retoma a discussão, bastante antiga como vimos, sobre a polissemia do termo, por abranger tanto os habitantes, como o território. Além disso, para ele, os nomes dos *pays*, “sendo produtos da observação local, não conseguiriam abranger

²⁰ Gallois (1908:210).

²¹ Tradução livre de Gallois, (*op. cit.*: 233).

²² Vidal de La Blache (1909).

²³ Marigner e Robic (2007:10).

grandes extensões; são restritos como o horizonte daqueles que os utilizam²⁴”. Assim, devido a grande quantidade de nomes de *pays* na França, Vidal de La Blache não recomenda sua utilização direta em um ensino voltado aos alunos, pois “o estudo do território fragmentar-se-ia para além da medida admissível e, na análise muito fragmentária do detalhe, as relações gerais correriam o risco de desaparecer²⁵”.

Já em *Les Pays de France*, de 1904, Vidal de La Blache faz uma verdadeira ode ao termo a convite da Sociedade de Economia social (instituição leplaysiana). Para Vidal de La Blache “esta antiga palavra, frequentemente repetida em sua acepção popular (...) tem, no pensamento daqueles que a empregam, uma significação que poderíamos chamar de social, ela exprime um **gênero de vida** a uma zona determinada. Se o povo francês conhece certos *pays*, se sabem distingui-los e se guardam uma impressão bastante durável para que essas denominações, todas populares, se perpetuam sem serem consagradas pelas divisões administrativas ou oficiais. É que esses nomes se associam ao seu espírito, aos modos de construir suas casas, de se alimentar, de se vestir, de falar, aos modos de vida associados a uma palavra que são para eles inseparáveis²⁶”.

Neste artigo, Vidal de La Blache utiliza a expressão “pequenas regiões” para referir-se aos *pays*. Essa noção teria sido, segundo o autor, desdenhada pela ciência de outrora e agora renovada pelos trabalhos dos geólogos e geógrafos do século XIX. Vidal insiste que para o progresso das investigações geográficas e geológicas é preciso reabilitar o nome e a coisa. Deixa explícito também em sua noção de *pays* a importância fundamental da “natureza humana” na formação e aplicação do termo²⁷.

Assim, encontramos certa dualidade sobre as abordagens regionalistas em Vidal de La Blache, na qual há certa afeição (1904,1909) sobre o termo *pays* e em outros momentos uma certa ruptura (1888) com o mesmo, devido a dificuldade de apreensão, em função da grande diversidade e do rápido processo de urbanização. Marie-Vic Ozouf-Marigner e Marie Claire Robic (2007) falam de um Vidal tradicionalista, defensor do local e da ligação com o solo; e de um modernista, ordenador do território e

²⁴ Tradução livre de Vidal de La Blache (1888: XIII).

²⁵ Tradução livre de Vidal de La Blache (*op. cit.*: XIV).

²⁶ Tradução livre de Vidal de La Blache, (1904:333, o grifo é nosso).

²⁷ Vidal de La Blache (1904:335).

mesmo um geopolítico.

O fato é que o termo *pays* perenizou-se nos primeiros decênios do século XX. A escola de geografia francesa utilizou-o como objeto de estudo para as teses de geografia regional. Diversos artigos da *Annales de géographie* dedicaram-se à aplicabilidade do conceito latino. O próprio Albert Demangeon (1942) estipula em seus princípios de método, especificamente no segundo²⁸ para o estudo da geografia humana a análise dos pequenos *pays* que compõem os grandes conjuntos. Conforme Demangeon “para melhor abranger os fatos gerais é bom partir do particular, do localizado, do regional, observar o que a região contém de particular em seus horizontes, suas plantas, seus habitantes e definir alguma coisa de animado que resulta da união de um fragmento de terra com um grupo humano. Somos levados, dessa forma, inevitavelmente, ao ponto de partida do nosso conhecimento do mundo, ao substrato imediato de nossa existência material. É freqüentemente pela análise dos caracteres que compõem a fisionomia de uma região que se pode melhor compreender as relações que unem os homens a seu meio²⁹”.

Algumas considerações

Como vimos, brevemente, constatamos que o conceito latino de *pays* é bastante antigo. Não à toa, os geógrafos franceses o elegeram como categoria espacial e social de suas análises, emprestado da terminologia geológica do século XVIII. Assim, corroboramos com Marigner, em nossa epígrafe, quando coloca o *pays* como um paradigma geográfico do último quartel do século XIX. Contribuindo epistemologicamente com a ciência geográfica frente às outras ciências; criando, dessa forma, uma escola francesa de geografia marcada, principalmente, pelo método regional procedente das ciências naturais.

Não por acaso, encontramos o uso do termo em questão, em diversos trabalhos de geografia francesa³⁰, mesmo após a chamada renovação da geografia, com o mesmo

²⁸ O segundo princípio está relacionado à base territorial que deve ter os estudos de geografia humana.

²⁹ Tradução livre de Albert Demangeon (1942:33).

³⁰ Mesmo porque, *pays*, continua presente na toponímia francesa, servindo de denominativo para as pequenas extensões rurais e, também, na linguagem coloquial.

sentido geológico do século XVIII. Há, por exemplo, duas publicações na coleção “*Le Géographe*”, dirigida por Pierre George, que utilizam do termo, logo em seus títulos, para explicitar o objeto de suas análises: *Pays et paysage du calcaire* (1972) de Jean Nicod e *Pays et paysages du Granite. Introduction à une géographie des domaines granitiques* de Alain Godard (1977). Ambos os trabalhos propõem uma interação entre homem e meio, com elementos variados da paisagem, frutos da história do *pays* em questão. De certa feita, os dois autores buscam superar La Blache³¹, acusando-o de utilizar um “determinismo simplista”, na análise da paisagem dos *pays*.

Entretanto, há outra corrente que defende, hoje, o *pays* como uma outra concepção, inédita, de território, sendo: “não completamente distritais, pois eles não tem prerrogativas administrativas, nem coletividades territoriais porque não são dotados de personalidades morais, nem de uma representação eleitoral”. Eles (os representantes dos *pays*), atores de uma democracia participativa, se reúnem, com objetivos específicos, para debater projetos públicos que os afetem. Assim, o *pays* tornou-se objeto de uma geografia política renovada, nas quais os geógrafos se engajam não somente como cientistas, mas também como cidadãos e às vezes, mesmo, como representantes eleitos³².

³¹ Jean Nicod (op. cit:5) cita a seguinte frase de P. Vidal de La Blache, para fundamentar o determinismo simplista do autor : “Les corniches fissurées du sommet absorbent l’eau, soutiennent de plates-formes arides, tandis que sur les flancs les eaux infiltrées réapparaissent en sources, lorsqu’elles atteignent les couches marneuses. Ce niveau de sources est la ligne d’élection auprès laquelle se sont établis villes et villages. Ils se succèdent, rangés entre les bois des sommets et les cultures des flancs. Les débris calcaires qui ont dévalé des corniches amendent et ameublissent le sol des pentes. La teinte rousse du minerai de fer imprègne les chemins et les parties nues. Et çà e là, sur le cimes, d’anciens bourgs fortifiés à mine sévère rapellent un passé politique et guerrier (...)” (Vidal de La Blache, 1900:206).

³² Marignier (2004:3).

Bibliografia

- BLOCH, Oscar, *Dictionnaire étymologique de la langue française*. 8ª Edição. Paris : Presses Universitaires de France. 1898. 682p.
- CLAVAL, Paul, *Evolución de la Geografía Humana*. Barcelona: Oikos-tau, 1974. 240p.
- CAPEL, Horácio, *Filosofia e ciência na geografia contemporânea: uma introdução à geografia*. Maringá: Editora Massoni, 2008 (1981).
- CORRÊA, Roberto Lobato, *Região e organização espacial*. São Paulo: Editora Ática. 1987. 93p.
- CLÉDAT, Léon, *Dictionnaire étymologique de la langue française*. Paris: Hachette, 1900(?) 694p.
- DICK, M.V.P.A., *Motivação toponímica: princípios teóricos e modelos taxionômicos. Tese de Doutorado*. Universidade de São Paulo, São Paulo. 1980.
- DICTIONNAIRE DE L'ACADEMIE FRANÇOISE*. 1ª Edição, 2 vol. Paris: Coignard. 1694.
- DEMANGEON, Albert, *Problemes de géographie humaine*. Paris: A. Colin, 1952 (1942). 405p.
- DAUZAT, Albert, *Dictionnaire étymologique de La langue française*. Paris: Librairie Larrousse. 1938. 804p.
- ESCOLAR, Marcelo, *Crítica do Discurso Geográfico*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- GUETTARD e MONNET, *Atlas et description minéralogiques de la France*. Paris : M. Monnet. 1780.
- GALLOIS, Lucien, *Régions naturelles et noms de pays, étude sur la région parisienne*. Paris : Librairie Armand Colin. 1908. 356p.
- GODARD, Alain, *Pays et paysages du Granite. Introduction à une géographie des domaines granitiques*. Paris: Presses Universitaires de France, 1977. 232p.
- HARTSHORNE, R., *Perspective on the Nature of Geography*. Londres: John Murray, 1959.
- HOBSBAWN, Eric, *Nações e nacionalismo desde 1780*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- LENCIONI, Sandra, *Região e Geografia*. São Paulo: Edusp, 1999.
- MACHADO, José Pedro, *Dicionário Etimológico da língua portuguesa*. Vol 3. Lisboa: Confluência e Horizonte, 1967 (1952).

-
- MARIGNER, Marie-Vic Ozouf-, *Pays. In: Hipergeo. Concepts.* Paris, dezembro de 2004.
- MARIGNER, Marie-Vic Ozouf-e ROBIC, Marie Claire, A França no limiar de novos tempos : Paul Vidal de La Blache e a Regionalização. *In: GEOgraphia.* Ano IX, Nº 18. Rio de Janeiro, 2007.
- MORAES, Antonio Carlos Robert, *Geografia: pequena história crítica.* São Paulo: Annablume, 2007 [1981]. 151p.
- MOREIRA, Ruy, *O que é geografia.* 2ª Edição. São Paulo: Brasiliense, 2010 [1980].
- NICOD, Jean, *Pays et paysage du calcaire.* Paris: Presses Universitaires de France, 1972. 244p.
- NOEL e CARPENTIER, *Dictionnaire étymologique, critique, historique, anecdotique et littéraire, contenant un choix d'Archaisme, de néologismes, d'euphémismes, d'expressions figurées ou poétiques, de tours hardis, d'heureuses alliances de mots, de solutions grammaticales, etc.* Pour servir à l'histoire de la langue française. Paris : Le Normant, 1839.
- OMALIUS, Jean Julien d'Halloy d', *Division de La terre em régions géographique, conformément aux Éléments de géologie.* Paris, 1839.
- POP, S., *La Dialectologie. Aperçu historique Methodes d'enquêtes linguistiques.* Première partie: Dialectologie Romane. Publications Universitaires de Louvain. Belgique. 1950.
- QUICHERAT, L. e DAVELUY, A., *Dictionnaire latin-français.* 47ª Edição. Paris : Librairie Hachette et Cia. 1913. 1515p.
- SANTOS, Milton, *Por uma Geografia Nova: Da Crítica da Geografia à uma Geografia Crítica.* São Paulo: EDUSP, 2008 (1978).
- SARAIVA, F. R. dos Santos, *Novíssimo dicionário latino-português.* (Redigido segundo plano de L. Quicherat). 10ª Edição. Rio de Janeiro e Belo Horizonte: Livraria Garnier. 1993. 1294p.
- SAPIR, Edward. *Linguística como ciência: ensaios.* Acadêmica. Rio de Janeiro. (1911) 1969.
- SODRÉ, N. W., *Introdução à Geografia. Geografia e Ideologia.* Petrópolis: Vozes, 1977.
- STRAUSS, C. *Antropologia Estrutural I. Tempo Brasileiro.* Rio de Janeiro. 1996.
- TOURS, Grégoires, *Histoire des Francs, 572dc.* In: GUIZOT, M, *Des mémoires relatifs à l'histoire de France, depuis la fondation de la monarchie française jusqu'au 13ºsiècle.* Paris: Chez J.-L.-J. Brière, 1823. 399p.

O conceito de *pays* e sua discussão na geografia francesa do XIX

João Paulo Jeannine Andrade Carneiro

VIDAL DE LA BLACHE, Paul. Des divisions fondamentales du sol français. In: CAMENA D'ALMEIDA P. e VIDAL DE LA BLACHE, P. *France. Cours de géographie a l'usage de l'enseignement secondaire. Introdução*. Paris: Armand Colin, 1897 (1888).

_____, Tableau de la géographie de la France. In: LAVISSE, Ernest, *Histoire de France, depuis les origines jusqu'à la Révolution*. Tome 1. Paris: Hachette, 1900.

_____, Les pays de France. In. *La Réforme sociale*. Paris, set. 1904. pp.333-344.

_____, Régions naturelles et noms de pays. In: *Journal des Savants*, Paris, set.-out. 1909. pp. 389-401.

_____, Régions françaises. In : *Revue de Paris*. Paris, dez. 1910. pp. 821-849.